

EUCLIDES DA CUNHA: INFLUÊNCIAS NA POESIA CORDELISTA CONTEMPORÂNEA

Celina Leal dos Santos
Mestre– PUC/SP

RESUMO:

A Guerra de Canudos e Antônio Conselheiro tornaram-se temas consagrados na poesia popular brasileira. O próprio Euclides da Cunha, autor de **Os Sertões** (1902), recebeu destaque na poesia cordelista. Analisaremos os poemas “História de Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos”, de Minelvino Francisco Silva e “Cordel para Euclides da Cunha”, de Gustavo Dourado, como exemplos de poesia de cordel em que se observam as influências euclidianas. A avaliação da poesia de cordel, na atualidade, permite recuperar traços advindos do passado, da tradição, e confrontá-los com as inovações trazidas pela era tecnológica, ou seja, a poesia popular veiculada pela WEB.

PALVRAS-CHAVE: Poesia de cordel, Euclides da Cunha, Guerra de Canudos, Antônio Conselheiro.

ABSTRACT:

Canudos War and Antônio Conselheiro became consecrated themes of Brazilian popular poetry. Euclides da Cunha himself, author of **Os Sertões** or **Rebellion in the Backlands** (1902) stood out in the cordel poetry. We will analyze the poems “História de Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos”(“Antonio Conselheiro’s History and Canudos War”), by Minelvino Francisco Silva and “Cordel para Euclides da Cunha” “Cordel to Euclides da Cunha”), by Gustavo Dourado, as examples of cordel poetry in which we may observe Euclidean influences. The cordel poetry avaiation, at the present time, allows to get traces back from the past, of tradition, and confront them with the innovations brought by technological era, in other words, the popular poetry disseminated by WEB.

KEYWORDS: Cordel poetry, Euclides da Cunha, Canudos War, Antônio Conselheiro.

Durante a Guerra de Canudos, a opinião popular se confundia, pois, embora a versão dos grandes jornais imperasse nos meios letrados, a realidade que circundava a região da luta era outra: a ideia de que se tratava de uma massa de fanáticos religiosos que, sob a liderança de um Conselheiro tresloucado, ameaçava a ordem e a República, era a que vigorava. O povo da região, no entanto, assistia aos acontecimentos, aturdido, sentindo não ser bem essa a verdade manifestada a seus olhos.

O próprio Euclides da Cunha, ao chegar à região como repórter do jornal “O Estado de São Paulo”, encarregado de fazer a cobertura da guerra, só conhecia essa versão oficial e teve a coragem de desbaratá-la, ao escrever **Os Sertões**, cuja primeira publicação data de 1902. Desde então, muitos confundem a obra, considerando-a puramente histórica e esquecem-se de seu hibridismo, de seu cunho literário, da emoção que o narrador transmite ao contar os feitos da guerra.

No pós-guerra, a literatura popular exalta a figura de Euclides da Cunha. Segundo José Calasans (1984, *apud* SILVA 2010; COSTA 2010), a literatura de cordel, nessa época, não destaca a Campanha de Canudos e a figura de Antônio Conselheiro, mas o próprio Euclides da Cunha, o que se estende até 1940.

O autor de **Os Sertões** é recriado como personagem de folheto de cordel, o que lhe permite ganhar uma dimensão maior, a do herói, reservada, até então, a personalidades como D. Sebastião e Luís Vaz de Camões, ecos da poesia popular vinda de além-mar. Mais tarde, ganham espaço, no coração dos poetas populares, Antônio Conselheiro e as figuras anônimas, ou não, que tomaram parte da história canudense.

Exemplo da influência euclidiana, em folheto de cordel do poeta Minelvino Francisco Silva: “História de Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos”.

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, era um homem transtornado, devido aos problemas familiares por que passara. Conviveu com as brigas e mortes em família, pois o clã dos Maciéis confrontava-se com os dos Araújo, sem tréguas. Segundo Walnice Nogueira Galvão (2001, p. 21), teve, ainda de enfrentar o fracasso no casamento, “devido à má conduta da mulher, mudando-se para Campo Grande, onde trabalhou como escrivão de paz. Transferiu-se depois para Ipu, onde foi requerente do foro. O exercício de tais profissões mostra que Antônio tinha instrução.”

Após desaparecer, por anos, voltou a Quixeramobim, em 1876, onde ficou preso, trazido pela polícia baiana, e foi julgado por supostos crimes cometidos na juventude. O jornalista e amigo de infância, João Brígido, defendeu-o e o juiz da cidade provou não haver “qualquer registro criminal” contra Antônio Maciel (GALVÃO, 2001, p. 23). O jornalista, todavia, em seus relatos, aponta que, desde menino, embora dócil, Antônio Maciel apresentava-se desequilibrado. Dessa forma, o

Conselheiro inicia sua fama controvertida e repleta de fatos criados pela imaginação popular, muitos dos quais reproduzidos, acrescidos ou reinventados.

Euclides o trata com os adjetivos “assombroso”, “truanesco”, “pavoroso”, “desventurado” e descreve-o assim:

Revestido da longa camisa de azulão, que lhe descia, sem cintura, desgraciosamente, escorrida pelo corpo alquebrado abaixo; torso dobrado, fronte abatida e olhos baixos, Antônio Conselheiro aparecia. Quedava longo tempo, imóvel e mudo, ante a multidão silenciosa e queda. Erguia lentamente a face macilenta, de súbito iluminada por olhar fulgurante e fixo. E pregava. (CUNHA, 2001, p. 442)

A construção da figura do Conselheiro, próxima à encontrada em Euclides da Cunha, corresponde, em Minelvino Francisco Silva¹, à segunda estrofe, nos versos em que o poeta justifica a transformação da personagem de um seguidor de Deus para alguém que “Por se meter em política / Se virou num carniceiro” (SILVA, 2000, 195).

A partir do título do poema, “História de Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos”, observa-se sua pertinência, pois na poesia cordelista a classificação como *história* se dá para a publicação de folhetos de 32 páginas ou mais e este foi publicado em 40 páginas, além disso a coleção **Cordel** respeita as dimensões dos folhetos: 11 x 16cm. São 154 sextilhas, após a octogésima sextilha intercalam-se duas quadras, um terceto e outra quadra, seguidos por mais setenta e quatro sextilhas. As rimas ocorrem na forma tradicional da sextilha nordestina, no segundo, quarto e sexto versos do poema.

Minelvino, como verdadeiro mestre cordelista, reconta toda a saga, propondo-se a narrar, com vivacidade e de modo dinâmico, criando e dispondo, com riqueza imagética, toda a sequência das quatro expedições a Canudos.

As primeiras estrofes se ocupam da composição da imagem do Conselheiro e de sua atuação anterior a Canudos, inclusive a expulsão de Bom Conselho, pelo juiz Dr. Artur Leone, que o considerava perigoso, e a posterior caminhada para Canudos.

Em seguida, o poeta escreve sobre as prédicas do Conselheiro e a crença de seus seguidores em seu caráter profético. Recebemos, em **Os Sertões** (2002, p. 277), como profecia de Antônio Conselheiro sobre o Juízo Final: “...Em 1894 há de vir rebanhos mil correndo do centro da Praia para o certão; então o certão virará Praia e a Praia virará certão²”. Há os que contestam a veracidade de a frase pertencer ao Conselheiro.

¹ Na introdução da obra **Cordel: Minelvino Francisco Silva** (2000, p. 9-29), Edilene Matos traça uma interessante biografia do poeta; nela observam-se características recorrentes em Minelvino: o apego à família, a religiosidade, e o amor ao cordel e à Bahia, sua Terra, por exemplo.

² A princípio, **sertão** grafava-se com a letra “c” inicial.

Minelvino (2000, p. 197), em versos, ratifica a opinião de Euclides de que o povo se encontrava hipnotizado pelas palavras do Bom Jesus Conselheiro, como se encontra na nona estrofe do poema: “E pregava profecias / a sua imaginação / E o mar virava sertão / Com isso Iludia / Toda aquela multidão”.

Euclides (2000, p. 282) e Minelvino fazem referências às crenças populares sobre os milagres do peregrino. Nota-se que o folclore traçado em torno da figura do Antônio Maciel merece atenção e afasta, de ambos, a responsabilidade de uma leitura ingênua sobre os feitos do Conselheiro. José Calasans nos lembra que Austregésilo de Ataíde (*Apud* CALASANS, 2000, p. 18), por sua vez, afirmava que o folclore em torno do Conselheiro e o exercício da criatividade popular, naquilo que sobre este se escreveu, foi muito maior do que a ocorrida em torno do Padre Cícero, pois o “Padim” pareceu muito mais real, de carne e osso do que Antônio Conselheiro.

Na sequência do poema, da estrofe número 26 para a frente, encontram-se as causas do início da Guerra: a compra da madeira para a construção da igreja de Monte Santo, a pagamento adiantado, em Juazeiro e a não entrega da mesma por razões políticas.

Ante a ameaça de insurreição dos canudenses, o governador baiano Luís Viana pediu reforços ao presidente que não o levou a sério. Enviou cerca de 113 soldados a Uauá: “... Seguiram para Uauá / Naquele alto sertão / Para atacar Conselheiro / E não deixar nem pagão” (2000, 206). O exército, derrotado nessa batalha, divulga, nos jornais, o perigo que os famigerados jagunços representam: “Contaram todo o ocorrido / Que eles foram agredidos / Por esse povo bandido” (2000, p. 207). Era a 1ª expedição em que o poeta hiperboliza o número de soldados de 113 para 1000 soldados. Para o poeta popular, a vivacidade dos versos não se prende aos números fornecidos pela versão oficial.

Minelvino aponta, como fala dos conselheiristas, a necessidade de partir para o Rio de Janeiro e, após depor o presidente, Trocá-lo pelo rei D. Sebastião, dando voz à tradição e à criatividade popular. Além disso, aparece, no poema, O tenente Manoel da Silva Pires Ferreira, conhecido por tenente Pires Ferreira e pelo poeta tratado como tenente Manoel da Silva.

Na 2ª expedição, em que participaram cerca de 800 soldados, liderados pelo Major Febrônio de Brito, o poeta acrescenta-lhes a quantidade, colocando ali 2000 soldados a combater. Lembra-nos de que os combatentes vinham de trem até Queimadas, seguindo, a pé, até Monte Santo. O poeta se expressa assim: “...O trem soltou um apito / fazendo sua despedida / Pois levava os soldadinhos / Pra cada arriscar a vida (2000, p. 216).

A 3ª Expedição segue com 1300 soldados, comandada pelo Coronel Moreira César, além de 6 canhões. O poeta reconta o fato: para ele são “três mil e tantos soldados” e “uma frota de canhão”. Retornando à narrativa de **Os Sertões**: Moreira César deu ordens para sua tropa avançar, antes do tempo. Não contando com a emboscada dos conselheiristas. Por isso, foi alvejado duas vezes e, ferido,

morreu durante a noite, na Fazenda Velha, “uma palhoça em ruínas”, que servia como alojamento para os soldados.

Em **Os Sertões** (2002, p. 475), o autor escreve: “Não descavalgou. Volvia amparado pelo tenente Ávila, para o lugar que deixara, quando foi novamente atingido por outro projétil. Estava fora de combate.” Mais à frente, narra-se a morte de Moreira César: “Pela madrugada uma nova emocionante tornou-a urgentíssima. Falecera o coronel Moreira César” (2002, p. 484).

No poema de Minelvino (2000, p. 223), abrevia-se o sofrimento de Moreira César. O coronel morre assim que é ferido. Não se sustenta no cavalo ao ser atingido. O poeta escreve: “Recebeu logo um balaço / Foi do cavalo rolando / Caindo morto por terra / foi sua vida acabando”.

Transformar a complexidade da narrativa do episódio, na concisão exigida pelo folheto de cordel, requer habilidade no manuseio das palavras. É um jogo em que a complexidade ao manifestar uma ideia se esvai, aliada à economia linguística pertencente aos grandes poetas.

O coronel Tamarindo substitui a Moreira César, e é morto também. Aos soldados, sem chefes e sem rumo, cabe a fuga desesperada, como se lê no parágrafo de **Os Sertões** (2002, p.487): “E foi uma debandada.Oitocentos homens desapareciam em fuga [...] e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...”

Em Minelvino (2000, p. 224): “[...] / Para não morrer também / Caíram no florestal // Os fanáticos atrás deles / Mata aqui e mata ali / Pega aqui, pega acolá / Cada vez os perseguir / Afinal poucos soldados / Que puderam escapulir”.

O efeito do tumulto formado fica patente, em Euclides, pelo uso dos verbos no gerúndio, pela repetição do verbo “correndo”, separado por vírgulas. No poema, o mesmo efeito é conseguido pela justaposição do verbo e do advérbio de lugar: “Mata aqui e mata ali / Pega aqui, pega acolá”. Ao repetir os verbos *matar* e *pegar*, separando-os por vírgula, consegue intensificar o efeito da confusão reinante.

Por fim, a 4ª expedição. O comandante foi o General Artur Oscar de Andrade Guimarães, comumente denominado Coronel Artur Oscar e pelo poeta, Coronel Oscar Andrade. Calculam-se de 10 a 12 mil os soldados que com ele vieram. Minelvino (2002, p. 225) considera 5000: “Ali cinco mil soldados / Foram logo reunidos” em toda a expedição. Ora, diminui o número oficial.

Euclides dá conta, no final da epopeia, no último dia da luta, 5 de outubro de 1897, de que somente quatro combatentes conselheiristas restavam para defender a cidadela já destruída. Escreve Euclides (2002, p. 778): “eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”.

Os fatos mais significativos dessa expedição são todos selecionados por Minelvino. Conta-nos que os soldados acorriam de todas as partes do Brasil. Lembra-nos da derrubada da igreja, por um tiro

certeiro de canhão, da morte do Conselheiro, da (falsa) promessa republicana de salvar quem se rendesse, dos feridos no hospital de sangue e, finalmente, dos feridos levados para Salvador e para o Rio de Janeiro. Portanto, esses fatos lidos em **Os Sertões** são também contemplados no poema.

A partir da estrofe número cento e quarenta e cinco, o poeta que considerava a poesia como forma de contribuição para educar a sociedade, passa a dar conselhos aos leitores. Manifesta a crença de que não adianta lutar contra as leis republicanas: “Pois não podemos viver / Sem pagar mesmo o imposto” (2000, p. 232). Além disso, aconselha as pessoas a não misturarem política com religião. Adverte: “Pois se matar um irmão / Apaga sua própria luz”(2000, p. 233).

A riqueza dos detalhes selecionados, ao compor o poema, prova-nos que houve um trabalho de pesquisador antecedendo a escrita. Observe-se que o poema se ocupa da terceira parte de **Os Sertões**, “A Luta”, pois o folheto de cordel valoriza a história em si e não o detalhamento. No poema, Minelvino mostra-se conhecedor da obra euclidiana. Isso ocorre na estrofe: “Afirma o livro **Os Sertões** / Que o canhão que disparava / Pra derrubar a igreja / Esse se desmantelava / E aquele operador / Morto por terra tombava.” (2000, p. 227).

Além disso, o poeta registra as fontes que lhe servem de inspiração: “Para escrever este livro / Primeiro fui baseado / Nos contos e nos escritos / Não sei se é certo ou errado / E ainda no trabalho / O que foi televisado” (2000, p. 233). A inegável influência da oitava de pessoas com as quais trava contato também é declarada por Minelvino em versos como: “Um velho então me contou” (2000, p. 199) ou “Diz o povo popular / Mas eu não posso dar prova” (2000, p. 230). E, no final, com humildade, declara aos leitores haver escrito o que compreendeu e, na última estrofe, usa o vocativo “caros amigos”, desculpando-se por qualquer falha. Está consciente da complexidade de recontar a Guerra e sobre a figura de Antônio Conselheiro e recorda que somente Deus seria capaz de não deixar faltar nada ao texto.

A literatura de cordel na WEB: Gustavo Dourado e seu “Cordel para Euclides da Cunha”

Uma forma de divulgar e gerar, dessa maneira, uma maior valorização dos Folhetos de Cordel é a oferecida pela internet. Diversos cordelistas contemporâneos utilizam-se da WEB para tornar seus trabalhos conhecidos e ampliar a divulgação dos poemas, que ocorreria em menor escala, caso ficasse restrita às publicações em papel. A internet permite que a poesia de cordel se expanda por todo o mundo. Recomendamos, a todos, o *site* da Academia Virtual Brasileira de Letras, onde há uma vastidão de poemas para selecionar, analisar ou, simplesmente, deleitar-se ao ler.

O renomado cordelista contemporâneo, Gustavo Dourado, nascido na Bahia, é também professor e jornalista dentre outras atribuições. Escreveu diversos livros. É membro da Academia Virtual de Letras e reconhecido internacionalmente. Utiliza como cognome *Harmagedon*.

Reescreveu a biografia de Euclides e homenageou o escritor, em versos, no poema “Cordel para Euclides da Cunha” que passamos, brevemente, a analisar.

Escreveu 35 estrofes, em sextilhas, com rima no 2º, 4º e 6º versos. Com a publicação na internet, nem sempre se pode contar o número de páginas, à moda dos folhetos de cordel impressos de forma tradicional. O que não nos impede de supor, para um formato tradicional de folheto de 11x16cm, que teríamos a impressão em 9 páginas, pois na primeira viriam, além do título, 3 estrofes e nas demais, 4 estrofes cada uma. Do mesmo modo que ocorreu com o poema de Minelvino.

Vale observar que Gustavo Dourado utiliza expressões como “práxis consciencial” e “célebre arcano”, que denunciam tratar-se de um cordelista dotado de instrução acima da mediana, o que não inibe a espontaneidade de seus versos. No poema, em geral, mantém o final do primeiro, terceiro e quinto versos seguidos por dois pontos e intercala-os com reticências no segundo, quarto e sexto versos.

Nas duas primeiras estrofes tece elogios a Euclides da Cunha e menciona sua obra-prima *Os Sertões*, além de citar sua escrita sobre a Amazônia.

Recorda, em seguida, da terceira até a estrofe dezessete do poema, o nascimento de Euclides, em 20 de janeiro de 1866, a morte da mãe, Eudóxia Alves Moreira, quando o menino estava com 3 anos de idade e a infância com as tias Rosinda, esposa de Urbano Gouveia, a qual falece e, em 1871, com Laura, esposa de Magalhães Garcez, no Rio de Janeiro; posteriormente, com a avó paterna, na Bahia, e com o tio Antônio Pimenta da Cunha, no Largo da Carioca. Menciona, ainda, os vários colégios por onde passou Euclides.

Das estrofes dezoito até vinte e cinco, retoma os dados referentes aos estudos e ao início da atuação profissional do engenheiro-jornalista, como: a estada na Escola Militar, em que foi aluno do positivista Benjamin Constant, que tanto o influenciara posteriormente, acabando afastado, por rebelar-se contra o Ministro da Guerra. O início do trabalho no jornal “O Estado de São Paulo”. Sua aceitação na Escola Superior de Guerra e, mais tarde, o magistério na Escola Militar, além de haver trabalhado na estrada de Ferro Central do Brasil. Menciona, também, o casamento com Ana Ribeiro, tratada como Saninha.

Dedica, em seguida, duas estrofes (vinte e seis e vinte e sete) ao ano de 1897, em que Euclides participou da Guerra de Canudos como enviado do jornal “O Estado de São Paulo”.

Nas estrofes vinte e oito e vinte e nove, menciona os títulos de obras escritas por Euclides em que não poderiam deixar de ser destaque as referentes ao nordeste e norte brasileiros, como: **Os Sertões**, **Às Margens da História**, **Contrastes e Confrontos**, além dos poemas e textos como *Peru*

Versus Bolívia. Dedicada as estrofes números trinta e trinta e um ao assassinato do autor, por Dilermando de Assis, amante da esposa de Euclides.

E, finalmente, nas estrofes trinta e dois a trinta e cinco, exalta o escritor, lembrando de sua participação na Academia Brasileira de Letras e encerra o poema, após citar-lhe os méritos, denominando-o *Herói*, à moda da boa tradição cordelista. Como se observa, o poema condensa todos os dados principais da biografia euclidiana. Encontra-se postado no *site* que indicamos como uma das Referências desta pesquisa.

Conclusão

O folheto de cordel, certamente, não será extinto, porém, embora resista a alterações profundas em sua constituição, insistindo, por exemplo, em formas tradicionais, como as sextilhas nordestinas, acompanha os efeitos do tempo e as mudanças trazidas pela tecnologia. Em outros momentos, a valorização do folheto de cordel, academicamente, era muito restrita. Além disso, o crescente interesse em seu estudo fez com que aparecessem publicações como a coleção **Cordel**, da Editora Hedra. Ainda assim, as publicações são ínfimas, se comparadas a obras que alcançam uma circulação significativa, dados os interesses do público leitor, sobretudo, urbano. Além disso, há de se considerar que a poesia de cordel veiculada na WEB ganha um crescente público de leitores internautas.

Os temas da poesia de cordel sofreram os impactos da urbanização, como atesta Joseph M. Luyten (2007). Os problemas metropolitanos difundem-se, hoje, na poesia de migrantes nordestinos e filhos de migrantes das áreas urbanas, porém os temas tradicionais continuam cantados na poesia popular. Exemplo disso é a homenagem de Gustavo Dourado a Euclides da Cunha. Se por um lado, o gosto por contar e recontar histórias, oralmente, como a da Campanha de Canudos e de Antônio Conselheiro dá lugar a novos temas de interesse, por outro, avulta-se o número de estudos que retomam esses temas e, ainda, **Os Sertões** e demais obras euclidianas.

No livro **Terra de Sol**, de 1912, Gustavo Barroso (2003, p. 228) escreveu que “A poesia é a manifestação artística mais completa do sertão”. Ainda hoje, ecoam nos rincões desse país as vozes que o progresso não conseguiu abafar. O folheto de cordel autêntico, recheado pelos ritmos, pela cadência apropriada aos timbres e características populares de cada região, especialmente, do nordeste brasileiro, folheto com o cheiro da poeira da seca ou do mato molhado é aquele que cala mais forte em nossa alma.

O modo rústico de viver, o misticismo religioso, a autenticidade do tom com que se apresentam as personagens encantadas: um Euclides da Cunha muito além do humano ou um Conselheiro com um poder santificado e santificador, de salvar o povo sofrido e sem rumo, destruído,

junto com seus seguidores (mesmo que de modo diferente, pela debilidade da saúde, enquanto os seus eram friamente assassinados), a compaixão pelo sertanejo conselheirista e pelo soldado, enfim, desfilam, nos versos, os valores do ser humano, a criatividade e a sabedoria popular.

Se Minelvino segue o rumo de Euclides, ao considerar o Conselheiro um fanático, prova da variação analítica dessa controvertida figura, no cancionero popular e nos folhetos de cordel, encontra-se em Patativa do Assaré (2002, p. 29), por exemplo. No poema “Antônio Conselheiro”, exprime, convictamente, sua admiração: “Sobre um grande brasileiro / Cearense meu conterrâneo, / Líder sensato e espontâneo, / Nosso Antônio Conselheiro”.

Segundo Huizinga (2000, p. 157), a intemporalidade e onipresença das estruturas lúdicas, nas quais se incluem a poesia, fazem com que o homem se submeta aos ritmos, rimas e métricas, devido à necessidade de realizar o jogo social. Quando não há mais necessidade de se realizar esse jogo, a vitalidade e o valor pleno da poesia se perdem. Dessa maneira, podemos considerar a poesia popular, com toda a sua força e vitalidade. A Literatura ultrapassa os limites do tempo e espaço, envolvendo o leitor na ação que lhe é narrada ou versejada. Por isso, a Guerra de Canudos deixa de pertencer ao passado e faz o ser humano, de qualquer tempo, quedar-se horrorizado diante dos desastres e da ruína causados pela luta.

Quer como tema, quer como base para pesquisa, é inegável, portanto, a influência de Euclides na poesia de cordel. Do intercâmbio entre o clássico e o popular resulta uma Literatura riquíssima, repleta de contrastes e aproximações. Escritores como Euclides da Cunha, Minelvino Francisco Silva, Patativa do Assaré, Gustavo Dourado e tantos outros asseguram à Literatura Brasileira uma produção artística fértil, vasta e, sobretudo, humanizadora, em dias tão conturbados como os que vivemos na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSARÉ, Patativa do. Antônio Conselheiro. In: **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.

BARROSO, Gustavo. **Terra de sol**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

CALASANS, José. **Canudos na Literatura de Cordel**. São Paulo: Ática, 1984, *apud* SILVA, Edson da; COSTA, Rone. Literatura de Cordel: A Guerra de Canudos contada, cantada e ressignificada por sua gente. Disponível em: [Erro! A referência de hiperlink não é válida](#). Acesso em 21 abr 2010.

CASCUDO, Luis da Camara. Poesia oral: gêneros, tipos, modelos; Desafio; Cantiga Social. In: **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia limitada, São Paulo: EDUSP, 1984.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

____. **Obra completa**. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

DOURADO, Gustavo. **Cordel para Euclides da Cunha**. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida**. em 18 mar 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império de Belo Monte: vida e morte de Canudos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4.ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVA, Minelvino Francisco. **Cordel: Minelvino Francisco Silva**. São Paulo: Hedra, 2000.